

ESTRATÉGIAS DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: UMA BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO AFRICANA E SUAS RAMIFICAÇÕES NO BRASIL DO SÉCULO XVIII.

Lidiane Mariana da Silva Gomes

Universidade Salesiana de Americana – UNISAL

Resumo

Este trabalho pretende analisar as formas de educação praticadas pelos africanos na África durante a colonização do século XVIII, ampliando a compreensão de uma cultura que tradicionalmente se expressa pela oralidade e suas tradições educacionais que são intrínsecas ao desenvolvimento do ser político, social e religioso. É possível, a partir desta compreensão, estabelecer relação com a trajetória histórica do africano e seus descendentes no Brasil. O objetivo é encontrar nas manifestações educacionais que se encontram à margem do ensino tradicional, que no Brasil, se estabelece com força somente no final do século XIX com iniciativas privadas, formas eficazes e consistentes de ensino desenvolvidas por seus ancestrais, assim como estabelecer alguns traços que caracterizam o que é e como funciona a educação para os africanos. Por fim, discutir suas conseqüências na trajetória de conquista na cultura brasileira nos aspectos lingüísticos, musical, artes de forma geral, nas formas de expressão etc.

INTRODUÇÃO

A historiografia brasileira dos últimos quinze ou vinte anos, vem revelando cada vez mais novas interpretações sobre questões que antes eram menos discutidas. A historiografia das décadas de 1970 e início de 1980, iniciou as primeiras tentativas de introduzir discussões sobre a cultura africana, embora com lacunas ainda visíveis, como é o caso de Caio Cesar Boschi¹ e Julita Scarano². Porém é um grande avanço em relação a obras anteriores que ainda primavam pelas teorias positivistas ou liberais que tomavam conta do cenário intelectual e da produção literária mundial.

Um desses assuntos é sem dúvida, uma revisão dos conceitos atribuídos à trajetória da escravidão no Brasil. Entre muitas outras desmistificações, talvez a mais importante, foi o fato de que se aprendeu muito com a cultura africana e deixou-se de pensar o negro como “coisa” ou simples “mercadoria” pelos historiadores que se detiveram a estudar uma micro-história, em detrimento das antigas versões europeizantes da escravidão moderna e da generalização que a história da África sofreu por muito tempo.

Ainda neste ínterim, é necessário delimitar a população africana de que falamos. Primeiramente não estamos tratando da África do Norte, a chamada África Branca, tão pouco estamos falando da África ao Sul. A população africana do tráfico para as Américas saiu em sua esmagadora maioria da parte oeste do continente, entre os territórios da Angola, Congo, Guiné, Costa da Mina, entre outros. Estes por sua vez, aproximados ou separados por peculiaridades que os diferiam quanto à etnia e aspectos religiosos, inclusive a adoção do islã como religião oficial.

Mesmo os adeptos do islã não deixavam de praticar a junção de sua religião materna com a adquirida. Como exemplo, temos o culto da figura materna como foco principal de ligação familiar, ou seja, “tudo o que somos e tudo que

¹ BOSCHI, Caio Cesar. Os leigos e o poder.

² SCARANO, Julita.

temos, devemos somente uma vez a nosso pai, mas duas vezes a nossa mãe” diz um ditado do Mali³, região com adeptos do islã.

Os africanos têm em sua relação com o outro, nuances bem delineadas que regula toda sua postura como parte integrante de um clã ou raiz familiar e também, como parte social da comunidade ou sociedade em que vive, entendendo que as várias formas de organização política também os direciona, mas sempre, o objetivo final é manter a fidelidade ao seu compromisso com o clã.

A maior característica que podemos destacar por hora da população africana é a questão cultural, lembrando que mesmo após o tráfico negreiro ser extinto no Brasil, por motivos econômicos em primeiro lugar, não houve uma parada verdadeira, recebendo um fluxo de escravos às portas da virada do século XX quando a escravidão já não existia oficialmente em nenhum lugar. Portanto, estamos falando de negros que chegavam ao Brasil em navios negreiros clandestinos, população esta africana de nascimento, com toda sua carga cultural estabelecida e firmada por milênios de tradição⁴.

Metodologia

Este trabalho é uma parte do resultado do trabalho de dissertação e mestrado intitulada "Olha só Jesus quem é: cultura, educação e resistência nas Irmandades Negras das Minas Gerais do século XVIII", referente à forma com que a cultura africana desenvolveu formas de perpetuar e propagar a cultura ancestral de sua terra natal dentro das irmandades, ou seja, estas associações foram um meio de manutenção de uma identidade própria, quando o poder religioso e político tentavam escravizar corpo e mente dos africanos.

Por isso, uma das partes do trabalho, requer a compreensão da educação africana para estabelecer relação com as manifestações culturais que aqui se apresentaram e se desenvolveram, em busca de manter raízes com seu passado. É essa tentativa que faz com que a educação africana, que é oral, seja arma crucial na manutenção de tais características ou mesmo a formação de novas características.

³ BÂ, Amadou Hampâté. Amkoulél, o menino fula. Página 51

⁴ Tradição entendida aqui como conjunto das normas e regras de um determinado grupo ou sociedade estabelecidas por milênios de prática e não como tradicional.

Ao início das pesquisas a característica bem marcante na tentativa de passar para a posteridade suas raízes foram as artes plásticas: ornamento, esculturas e pinturas do interior das irmandades. Logo, esta busca iria culminar em um curso de história da arte barroca, quando, em pesquisa de campo, um acervo musical no Arquivo da Igreja do Pilar (Ouro Preto) contém a coleção Curte Lange, que na década de 1970 resgatou e colecionou partituras de músicos negros, ex-escravos, escravos e libertos, que tocavam nas Igrejas mais importantes da época.

Isso nos leva a crer que a quantidade de partituras revela a efervescência da atividade musical destes africanos e brasileiros em terras escravas, onde, teoricamente, não há tal mobilidade.

Uma ponte necessária foi entender que a educação africana além de oral, ela é musicalidade pura. Toda história é contada pelos especialistas - uma mistura de sábios, historiadores, músicos, místicos - fontes únicas da história africana até meados do século XX.

Portanto, a educação africana teve aqui no Brasil em tempos de analfabetismo dos pobres e período de valorização de outros princípios, um papel fundamental para a manutenção de uma cultura recém chegada, e que se negou de muitas formas esquecê-la.

Cultura africana

1 – Cultura religiosa

Uma das únicas generalizações que podemos fazer frente ao mosaico de aspectos no caminho de se entender a África, é o aspecto cultural, porque, embora veremos a seguir que cada estrutura apresenta particularidades, todos os povos são definitivamente atrelados à cultura como orientação de vida, principalmente porque o primeiro aspecto é o fato de que a Religião é fundamental a qualquer africano.

As histórias, as manifestações são passadas de pai para filho de geração em geração sem intermediários entre os deuses protetores e seus discípulos.

Estes criam o mundo e ajudam os homens a governá-los e entendê-los como um só sem hierarquias. Estamos falando de uma religião vivida e reconhecida por cada membro social de um grupo, e não a religião que o ocidente acostumou a viver, cheia de regras ditadas pelos mandamentos e pelos representantes supremos do Deus medieval ou moderno do antigo ou novo testamento, e tão pouco da religião dos Deuses enfurecidos e vingativos da Grécia e da Roma antiga.

A memória africana não se preocupa com papéis, com escrituras, pois “a memória de um homem com mais de oitenta anos é capaz de reconstituir tantas coisas”⁵, e não há nisso nenhum espanto. Desde a infância eles são treinados a observar, olhar e escutar com muita atenção.

Existe uma relação do fato acontecido e da forma de se reproduzir história que é aprendida logo nos primórdios da infância, quando se pode ir e vir de situações proibidas aos maiores. Dessa forma desenvolve-se de assimilar histórias, estas chegam aos nossos dias graças a uma recente iniciativa de trabalhar com antigos escritos que datam do século XX, quando a África já tinha sido colonizada e partilhada ou de documentos que conseguiram chegar a nosso conhecimento graças a pesquisadores que juntaram depoimentos dos antigos contadores de história do continente.

Com muita dedicação, estes relatos destes anciãos remetem a um tempo histórico ainda mais antigo, já que, relatar a história de uma família de forma cantada pelos griôs⁶ - quase uma profissão – treinados a este tipo de manifestação, pode significar recapitular histórias dos primeiros integrantes a família.

É através deles que podemos identificar traços da religião e da religiosidade do continente de uma forma geral.

Começamos pela criação do mundo, pois, como toda religião expressa em seu âmbito sua compreensão sobre o início de todas as coisas. Neste caso temos a incidência de achados pré-históricos espalhados por toda a África em

⁵ Idem 2, página 13

⁶ Griôs são sábios africanos contadores de história que marchavam de aldeia em aldeia para cumprir sua função de “livros ambulantes”.

cavernas que remetem a importância que os animais apresentavam na constituição do mundo⁷.

A importância dos animais na criação é de origem divina, fazendo com que eles tenham papel decisivo na ordenação da vida cotidiana também. Os ritos de criação estão envoltos em aspectos da natureza, os quais têm vida e se comunicam com os seres humanos de forma clara, e estabelece com eles relações profundas de cumplicidade como no Conto dos Berberes, onde as mulheres e os homens são concebidos em baixo da terra e quando descobrem que existe algo mais a cima, resolvem explorar a superfície abandonando o subsolo, e encontram lá todos os elementos da natureza com o dom da fala e que os ensina a lidar responsabilmente com cada um deles⁸.

Este conto, que teoricamente data de muitos anos antes da chegada do europeu em território africano deixa como tradição o cuidado com o que o africano já do final do século XVIII ainda carregava tais características no cuidado e na intimidade com a natureza. Segundo Bâ, seu avô, um pastor e um silatigui⁹, era hábil na avaliação dos homens e na *compreensão da silenciosa linguagem de sinais da brousse*¹⁰ - qualquer área fora do perímetro da cidade ou vegetação rasteira de gramínea misturada com algumas árvores e arbustos.

Neste exemplo, um mestre espiritual é o ponto de encontro entre o sobrenatural e o natural. Eles eram respeitados – creio que ainda existam espalhados pela África – e em torno deles se erguia uma rica e intensa vida social, pois, como seres especiais eles tinham alta rotatividade nas aldeias vizinhas que precisassem deles, e sua chegada era como um prenúncio de melhora imediata, por isso, muito festejada.

Outro exemplo de como a vida social era organizada pela religião é a agricultura. São animais que ensinam o homem a fazer bom proveito do solo e

⁷ FROBENIUS, Leo. A Gênese Africana. Página 34.

⁸ Idem 4. Página 49 que disserta sobre as lendas cabilas da criação.

⁹ Significa que este é um homem de poderes extraordinários, vidente, adivinho, curandeiro, mestre em iniciação e chefe espiritual da tribo.

¹⁰ Bâ. Amadou Hampaâté. Página 27. Grifo meu.

tirar dele a comida mais urgente e a comida futura – neste caso foi uma formiga, conhecedora da terra e das raízes das plantas¹¹.

E assim por diante, cada animal vai, em determinado momento e necessidade ensinar sua sabedoria e experiência aos novos seres habitantes da Terra. Esta postura nos mostra que para eles a natureza é sabia e precisa ser ouvida para manter certa harmonia.

Por isso, podemos indicar como a relação homem – natureza – mundo espiritual, está ligada e por sua vez, estabelece conexão com o concreto, com a construção das normas e regras de conduta em sociedade.

Nota-se que a vida em comunidade não foi estabelecida antes da vontade de se relacionar. A criação da comunidade é antes um meio de se relacionar e não um fim acabado e pronto para receber mais um membro. É necessário que cada um ao nascer se sinta parte da construção do todo, daí a influência forte do modo de educar as crianças para entender e copiar os adultos nas formas políticas de administrar a aldeia.

No tocante a constituição da vida particular, estes preceitos eram também divulgados. Deve-se se sentir parte de um projeto maior que é a manutenção de uma conduta digna que serve de exemplo dentro dos padrões de hombridade e honestidade. As raízes são glorificadas e cada ancestral é um ser divino e sua sabedoria incontestável o faz um sacerdote.

Com o seguinte relato é possível reconhecer vários desses elementos emaranhados dentro do âmbito cotidiano:

“Como todas as crianças da cidade, eu devia voltar para casa, impreterivelmente, ao pôr-do-sol, antes da chamada à prece do poente (maghreb). O crepúsculo, sobretudo o momento preciso em que o sol lança suas últimas flechas de luz ao ser tragado pelo desconhecido, sempre foi considerado um momento ambíguo e perigoso, no qual forças obscuras são subitamente liberadas. Na antiga tradição fula, o sol simboliza o olho de Guéno, o Eterno, o deus supremo. Quando este olho se abre, a luz se derrama pelo mundo e permite aos homens dedicar-se a seus afazeres; os gênios do mal, feiticeiros, vampiros ou amaldiçoadores, escondem-se em seus respectivos refúgios, enquanto os diabretes e duendes se enterram em abrigos secretos. Mas quando este olho benigno se fecha e a escuridão invade a terra, o pintinho amedrontado, se refugia sob as asas da galinha, o bezerro e o cordeiro se encolhem contra a mãe, as mulheres colocam os

¹¹ Idem 4. Página 57.

bebês nas costas ou no regaço para proteger seu “duplo” contra os vampiros sugadores de sangue; os insetos zunem e os animais noturnos da alta brousse começam a lançar milhares de urro que animam a noite.”

Um bom exemplo de como o imaginário espiritual era presente e fortemente marcado pela mistura de elementos das religiões, materna e islâmica para ordenar certa regra e conduta. Vale ressaltar que algumas palavras foram traduzidas de acordo com a nomenclatura do imaginário europeu, pois existem palavras em dialeto africano que não existem tradução fiel ao francês – língua original do texto de Hamadou Hampâté Bâ.

Embora tenhamos este exemplo, devemos ter o cuidado de não generalizar a religião na África, pois, cada povo manifesta suas crenças de formas diferentes, mas a espiritualidade caseira é marca fundamental a todas elas.

A mistura de ingredientes religiosos de outras procedências, ou mesmo a adaptação total de outra religião – mais precisamente a muçulmana que por influência do norte da África predominou como segunda religião em alguns pontos do continente, ou o catolicismo à época da colonização – não ocupou de vez o lugar da anterior ligada à natureza a aos grandes deuses que tanto permeiam o imaginário africano.

Como lembra Bâ, em relação a seu povo do Alto Níger,

“...de qualquer maneira – e aí reside a originalidade dos fulas – através do tempo e do espaço, das migrações, das mestiçagens, das contribuições exteriores e das inevitáveis adaptações ao meio ambiente, eles souberam manter sua identidade e preservar sua língua, seus fundamentos culturais extremamente ricos e, até a época de sua islamização, suas tradições religiosas e iniciáticas. Tudo isso ligado a um agudo sentimento da própria identidade e nobreza. Sem dúvida já não sabem de onde vem, mas sabem quem são. “O fula reconhece a si mesmo, dizem os bambaras”¹²

¹² Idem 10. Página 24.

2 – Cultura e educação.

“Para se educar um menino não é preciso um professor, e sim uma aldeia”.

Provérbio africano.

Pra tratar sobre a educação africana é preciso estabelecer algumas características que marcam uma forma muito incomum para o ocidente de instrução.

Primeiramente, a ausência de escolas formais. Esta ficou desconhecida até grande parte do século XIX com o advento da modernização que fez com que as potências econômicas tirassem uma parte da população africana da “ignorância” considerando que eles necessitavam com urgência de uma instrução eficaz.

À margem deste conceito europeu da educação, a educação africana pode ser reconhecida hoje como uma educação não-formal, embora o termo não exista na época em que ela nasce como prática de ensino, nos séculos anteriores reflete o espírito de instrução que hoje o termo representa.

Segundo Valéria Moreira Garcia a educação não-formal rompe com os procedimentos e ações que são comuns ao sistema formal de ensino, ou seja, as práticas marcadamente escolares. Assim, “as práticas que não são usuais no sistema formal de ensino são consideradas não-formais”¹³.

Como na África de forma geral não existem escolas até a colonização, e portanto, não existe uma educação formal, podemos nos perguntar se existe uma educação não-formal. A resposta está em nas práticas de educação que ela desenvolve. Segundo Margareth Park em seu livro **Educação Não-Formal. Contextos, percursos e sujeitos** onde trata da problemática que envolve ainda o conceito e suas práticas revela que “seus conteúdos, espaços, objetivos e estratégias são idiossincráticos, embora, em muitos momentos, as linhas divisórias entre tais práticas e as demais terminem por se cruzar, gerando embates e embates”¹⁴.

¹³ GARCIA, Valéria Moreira. Educação não-formal: um mosaico. Pagina 37.

¹⁴ PARK, Margareth Brandini. FERNANDES, Renata Siero. Educação Não-Formal. Contextos, percursos e sujeitos. Página 68.

O conteúdo utilizado pelos africanos para ensinar é aquele aprendido a milênios pelos ancestrais. O trato com a natureza e com seus elementos são ensinados dia-a-dia. O espaço utilizado é a casa onde se vive e cresce, o objetivo é criar homens e mulheres com nobreza de espírito antes da nobreza do nome que carrega por sua família, a estratégia utilizada é a de ensinar e deixar fazer para aprender sem delimitar espaços de convivência, casta ou posição social.

Á sombra das grandes árvores é que se recebiam aulas com os mais velhos das próprias famílias ou das famílias alheias. Com estas pessoas se aprende modo de vida, comportamento, coisas naturais e histórias. Segunda Hampâté Bâ em seu relato de memória, lembra que foi sua tia Diarraw co-esposa de seu padrasto, quem o ensinou histórias sobre reinados e reis de muita sabedoria e hombridade.¹⁵

Em seu livro, é comum ele estabelecer conexões com histórias contadas a ele e experiências que ele mesmo viveu. Ressalta também que a preocupação de um africano em narrar uma história é a simples recordação de algo sem se preocupar com a cronologia ou a ocorrência geográfica do acontecimento e nem se concentra em contar rapidamente suas histórias. Outra ressalva é que em grande parte os sonhos e previsões são levados muito a sério a ponto de direcionar ações ou decisões.

Além das sombras das árvores, as crianças passavam por uma espécie de obrigação da idade. Quando chegou a sua vez, Bâ formou sua primeira associação denominada waldeé¹⁶, que era composta por um corpo social e político invejável. Primeiro, havia eleições para ocupantes de cargos, um adulto responsável, um local de reuniões onde podiam inclusive deliberar sobre questões comuns da aldeia. Tomadas as decisões com o aval da associação mais antiga, podia-se declarar até guerra a outras associações desde que agüentassem as conseqüências.

Segundo o autor “tudo o que fazíamos tendia a imitar o comportamento dos adultos, e, desde a mais tenra idade, o meio em que estávamos mergulhados era

¹⁵ Idem 10. Página 151.

¹⁶ Uma espécie de mini-aldeia.

o do verbo¹⁷ ilustrando a seriedade das reuniões da assembléia que exibiam linguagem rebuscada para a idade dos meninos e meninas que tinham entre 10 e 12 anos.

A experiência de Hampâté Bâ é importante porque ele teve contato com as duas formas de educação até então conhecidas, a de sua família e a forma dos franceses, colonizadores oficiais de alguns países como a Nigéria. Dessa forma, podemos notar na continuidade de seus relatos que ao entrar em contato com a educação formal, institucionalizada e regulada por normas e diretrizes, apresentou boa adaptação.

É necessário deter-nos um pouco mais neste aspecto para entender que adaptação foi esta. Primeiramente, nas sociedades islamizadas a educação de formação do ser comunitário, político e religioso – no sentido de elevação espiritual e da religião materna – era de responsabilidade dos membros sábios da aldeia, porém o ensino do Alcorão, obrigatório para os muçulmanos, ficava a cargo de um especialista que já havia aprendido tanto a língua quanto a escrita árabe.

Nem sempre os jovens que aprendiam a recitar o Alcorão sem nenhum erro entendiam o que estava escrito. Somente mais tarde se realmente decidissem aprender tinham que conhecer a língua árabe.

As crianças se dividiam entre os hábitos da casa e das aulas corânicas que não era feita em casa e sim nas casas destes especialistas que não deixam de fazer parte da comunidade. Por isso, o cunho “caseiro” não se desvencilha das práticas comuns.

Porém, a ausência do papel força as pessoas a desenvolver uma memória que servira, na verdade, como única fonte de registro histórico e, no caso em questão, os meninos eram treinados a se lembrar o Alcorão e repetidas vezes eles declamavam os versos ali contidos com exímia destreza. A vida era dividida entre a escola corânica e a escola dos mestres da palavra.

Quando Bâ chegou a frequentar a primeira escola dos franceses, ele já tinha desenvolvido a capacidade de atenção, apreensão, tinha em seu íntimo a habilidade de um ouvido atento e aguçado, e havia adquirido uma compreensão do mundo que a educação africana já o tinha beneficiado.

¹⁷ Ibidem 15. Página 170.

As crianças aprendiam muitas coisas a todo o momento que um adulto pudesse ensinar. Aprender neste sentido, também é uma questão de sobrevivência, pois, as desobediências também eram passíveis de punição. O mundo reconhecido pelo africano era por natureza, o maior professor e o mais importante. Tudo e todos podiam ensinar. Das refeições às iniciações e até das convivências e das brincadeiras.

Em sua opinião

“ o fato de nunca ter tido escrita, jamais privou a África de ter um passado, uma história e uma cultura. Como dizia meu mestre Tierno Bokar: a escrita é uma coisa, e o saber é outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. É a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontra latente em tudo que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua mente”¹⁸

A forma aparentemente desorganizada, aos olhos de alguns, da educação, se transforma em algo muito simples para os africanos, pois, os espaços de aprendizagem não têm limites ou demarcações rígidas. O respeito aos mais velhos os torna “bons escutadores” visto que esse é o meio da história perpetuar-se.

3 – Educação e desenvolvimento humano.

Visto que a cultura para os africanos é muito mais do que eleger elementos fundamentais de ensino, já que tudo está interligado em uma harmonia que não pode ser alterada pela ação do homem, é possível dizer que a intenção da educação na África é exaltar as qualidades do ser humano, buscando a plenitude em suas ações e em contrapartida a tomada de sua total responsabilidade diante delas.

Isto quer dizer que a busca da harmonia entre humano, natureza e metafísica deve ser alcançada, e, para tanto as pessoas devem ser expostos a vários ritos de passagem que, guardadas as diferenças entre aldeias,

¹⁸ Ibidem 10. Página 175

intencionam o amadurecimento do ser e total compreensão das regras de conduta.

Estes ritos marcam etapas do crescimento que pretende inclusive, estabelecer papéis sociais como em qualquer outra sociedade. Ela possui suas regras, suas punições, sem esquecer que em muitos lugares existiu também um sistema de escravidão. A diferença desta última em relação a que foi organizada principalmente nas Américas, é que o escravo é adquirido por outros meios – como herança de família, pessoas tiradas de situações de grande penúria etc. E, mais diferente ainda é a forma de tratar este escravo. Em grande parte eles se tornam membros da família com poder de decisão em assuntos de família.

As lições recebidas na infância e em toda vida visam ordenar e ao mesmo tempo agrupar personagens, e, esta é a chave da educação. Embora, este assunto não tenha sido tratado com muito afinco pela historiografia atual, pois, ao buscar esta bibliografia, pouco se publica em português, livros de autores africanos.

Os que são publicados são normalmente biografias e autobiografias como as de Hambatê Bâ, ou contos como a trilogia de José Olimpo¹⁹. No mesmo movimento, pouco se estuda no Brasil sobre a educação atual que, em partes é estabelecida na formalidade, mas ainda temos notícias das maravilhosas aulas sob as árvores.

Por isso, pouco se pode dissertar sobre todas as várias possibilidades que esta educação trouxe para o Brasil nos séculos de escravidão que muito se adaptou, mas que também fez outras culturas se adaptarem a ela tão fortemente que ainda hoje esses ecos estão presentes.

Um aspecto que pode ilustrar a capacidade de educar pela oralidade e pela aglomeração em busca de sua antiga aldeia, são as associações criadas no século XVIII, ora por iniciativa do senhor de escravos e pelo estado, ora por iniciativa do grupo e elas se espalharam durante o período colonial.

¹⁹ Ibidem 18, Página 130

Cultura africana e afro-brasileira: Irmandades e conquista da capacidade de expressão.

Embora a escravidão tenha privado o escravo de seu direito de ir e vir, como assim eles aprenderam em sua terra, não o privou, porém, de sua capacidade de aprender, de pensar e de se desenvolver. Muitos foram os trabalhos que partiram do poderio senhorial para dizer que a eficácia da escravidão foi ter tirado de sua terra natal um homem que, sem conhecer a nova terra, se submetia aos maus tratos, que por sua capacidade de trabalho poderia agüentar mais a lida na aterra do que qualquer outro povo, e outros tipos de interpretação que ocorreram no mesmo erro.

Fundamentada em uma característica histórica e teorizada para a sua total aceitação, a condição de escravo reduziu uma população inteira aos olhos do mundo, o ser humano em ser animal munido de instinto e nada mais. Dessa forma, ocorreu a coisificação do negro aos olhos de seus detentores.

O erro cometido pelos portugueses e tantos outros povos colonizadores foi desconsiderar a trajetória histórica deste povo, sua constituição social, política, econômica e religiosa. Durante muito tempo estas informações passaram despercebidas e ignoradas pela grande maioria, pelo menos em público.

O século XVIII conheceu uma boa parte das conseqüências desta ignorância com as revoltas de cunho violento, com as tentativas de fuga em massa, com a criação dos quilombos, quando tratamos de distúrbio da ordem. Mas as tentativas de ganhar liberdade não se detiveram no âmbito da violência e do uso da força. Outra forma foi utilizada por eles para sobreviver e se desenvolver em sociedade escravocrata e segregada. Uma delas foram as Irmandades Negras espalhadas principalmente na Bahia e em Minas Gerais, onde houve uma intensa vida agrícola e urbana durante os séculos XVII e XVIII.

Existem dois tipos de formação destas irmandades. A primeira é a constituição pela própria Igreja e a outra é a constituição por pessoas leigas como e o caso das Irmandades de Minas Gerais. Nestas ocorreu um processo de introdução dos negros ao mundo social, podendo legislar sobre seu regimento

interno e podendo participar ativamente das festas e procissões, famosas em Minas.

O objetivo inicial destas irmandades era conter ânimos exaltados e inculcar a religião católica na população escrava. Os negros – libertos, não-libertos, africanos ou brasileiros – faziam parte de uma associação que primava pela caridade, pelo cuidado de enfermidades, compravam até mesmo alforrias ou ajudavam nos ritos mortuários daqueles sem condição financeira²⁰.

Fazer parte de uma irmandade era passar a fazer parte de uma vida social intensa não esquecendo que, dependendo da irmandade a qual se associava, a forma de envolvimento era outra, como por exemplo, a Irmandade na Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Vila Rica (hoje Ouro Preto) e a Irmandade Santa Efigênia na mesma cidade, tinham características totalmente diferentes.

A primeira atrelada ao poder religioso, geograficamente construída mais perto da Sé, tende a uma arquitetura sóbria sem traços da cultura africana com seus ornamentos excessivos e forte influência da natureza. Em contrapartida a Santa Efigênia construída à margem do centro urbano importante, está repleta de ornamentos característicos da cultura africana desde o altar até o teto, cuidadosamente elaborados.

Esta diferença é fundamental para entendermos, por exemplo, porque a Santa Efigênia conseguiu fazer baseado em seu regimento a eleição dos reis e rainhas do Congo, uma tentativa de retratar os antigos tempos vividos na África. Estas festas mobilizavam grande parte da população escrava e liberta – inclusive com o aval de seus senhores tencionando acalmar ânimos mais aguerridos – na organização da festa. Mito, dinheiro e um poderio social eram demonstrados nestas festas.

Segundo Marina da Mello e Souza, a festas de coroação do verdadeiro rei Congo era feita ainda na África, com a presença dos representantes de Portugal quando a colonização tinha apenas começado. E ainda ocorria o batismo e a conversão ao catolicismo por vontade própria por estes reis²¹.

Isto indica que determinadas tribos ou reinados ao serem capturados e trazidos para o Brasil, já tinham entrado contato com a religião católica facilitando

²⁰ BOSCHI, Caio Cesar. Os leigos e o Poder

²¹ SOUZA, Marina de Mello. Reis Negros no Brasil escravista. Página54.

a adaptação. Outros ainda, não tiveram este contato e por isso mantiveram-se fiéis às suas raízes se recusando a fazer tal conversão o que toda dinâmica social permite mesmo em uma sociedade escravista com milhares de pessoas para serem gerenciadas, como mostra Eduardo França Paiva quando estuda os testamentos deixados por estes escravos e por alguns libertos deixando bens materiais para seus descendentes.²²

Por isso, as irmandades foram foco de muitas manifestações culturais onde os negros podiam reproduzir suas antigas formas de organização social, podendo com isso, inserir nas atividades culturais, em festas, em procissões, na composição da música religiosa cantada nas igrejas dos brancos, sua forma de entender o mundo por opção e não por imposição.

Conclusão.

Ao ressaltar e analisar ainda que rapidamente a constituição da educação que adquiriram na África, com conceitos bem elaborados de manutenção da memória, do culto aos ancestrais, do respeito à natureza, da globalidade dos acontecimentos, do respeito às regras de conduta, não podemos acreditar que os homens, mulheres e crianças que foram mantidos aqui, esqueceram de tudo que lhes foi ensinado.

As manifestações culturais que podemos presenciar hoje em dia são apenas uma pequena amostra de quão viva e forte está a presença dos ensinamentos africanos.

Durante muito tempo a educação formal inexistente no Brasil, teve que ser aprendida com eles. A memória foi uma ferramenta muito importante até que as primeiras iniciativas de contar a história do povo foram iniciadas, igualmente os africanos aprenderam a vida toda e praticar. Se as histórias cantadas pelos griôs na África os remetiam a um passado glorioso, o fato é que também a música foi um veículo de passar às gerações futuras os problemas e as desventuras da escravidão. Ainda assim, ganhou tal força que hoje é possível entender a

²² PAIVA, Eduardo França.

essência e reproduzir já com características bem brasileiras o culto aos nossos ancestrais africanos.

O que devemos nos preocupar é que existe algo muito mais "negro" do que aquilo que podemos observar com os olhos distraídos dos brasileiros. Existe uma gama infinita de possibilidades que podem nos indicar formas de compreensão mais amplas e definidas para tratar da questão cultural no Brasil, que a miscigenação teve papel fundamental e por isso, estamos longe de terminar essa discussão.

Portanto, a primeira conclusão que podemos chegar é que a oralidade da educação africana e sua eficácia foram, no momento da chegada em território hostil, chave fundamental da permanência de grupos, de identidades, de manifestações. Isso nos permite salientar a força que a tradição oral tem e mais ainda, a força que a história africana ganha em sua forma tão peculiar de ser transmitida.

Concluindo, a educação que os africanos transmitiram - e que em partes não é diferente da dos portugueses, se lembramos que a maioria da população também não tinha acesso às letras - foi uma educação à margem eficaz e conclusiva para a formação de uma cultura brasileira com toques e requintes da cultura africana. Esta chegou aos nossos dias e continua sendo eficaz nos moldes da educação não-formal praticadas por várias instituições espalhadas pelo mundo.

BIBLIOGRAFIA

BÂ, Amadou Hampâté. Amkoulél, o menino fula.

BOSCHI, Caio Cesar. Os leigos e o Poder: Irmandades leigas e política colonizadora nas Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

GARCIA, Valéria Moreira. Educação não-formal: um mosaico. IN **PARK**, Margareth Brandini. FERNANDES, Renata Siero. Educação Não-Formal. Contextos, percursos e sujeitos. Campinas: SP; Holambra: Unicamp/CMU: Setembro, 2005

FROBENIUS, Leo. A Gênese Africana: contos, mitos e lendas da África. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo; prefácio e Alberto da Costa e Silva. São Paulo: Landy, 2005.

PAIVA, Eduardo França Paiva. Escravos e libertos nas Minas Gerias do século XVIII: estratégias de resistência através dos testamentos. São Paulo: AnnaBlume, 1995.

PARK, Margareth Brandini. FERNANDES, Renata Siero. Educação Não-Formal. Contextos, percursos e sujeitos. Campinas: SP; Holambra: Unicamp/CMU: Setembro, 2005.

SCARANO, Julita. Devoção e escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito de Diamantina no século XVIII. São Paulo: Comp. Ed. Nacional: Secretaria do Estado da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

SOUZA, Marina de Mello e. Reis Negros no Brasil Escravista.